



A cobertura das Copas do Mundo de futebol de 1930 e 1950 no jornal *Diário Carioca*¹

Alvaro Cabo²
Ronaldo Helal³

RESUMO

O objetivo principal do presente artigo é analisar a cobertura das Copas de Mundo de futebol de 1930 e 1950 pelo periódico *Diário Carioca*. A construção da memória no jornal serve como mais um elemento para as análises sobre os dois eventos e aponta para um olhar específico sobre os torneios mundiais realizados na América do Sul na primeira metade do século XX. As questões relativas a identidade nacional e as expectativas com a equipe brasileira são fatores predominantes nas reportagens analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa, Copas do Mundo, Memória, Identidade Nacional.

INTRODUÇÃO

O objetivo principal do presente artigo é analisar a cobertura do periódico *Diário Carioca* sobre as Copas de 1930 e 1950. A pesquisa fez parte de uma dissertação sobre ambos os torneios mundiais, que apesar de ser focada no discurso da imprensa uruguaia, teve como contraponto o olhar deste jornal no Rio de Janeiro.

O *Diário Carioca* foi fundado em 1928 pelo influente intelectual José Eduardo Macedo de Soares, que havia sido Presidente da C.B.D entre 1921 e 1922, e segundo Luís Nassif teria sido o “príncipe dos jornalistas”⁴, além de uma figura muito importante na esfera política das décadas de 20 a 50. Não era um jornal de grande circulação nem muito extenso, mas dedicava pelo menos uma página aos esportes desde o seu lançamento e participou da cobertura das duas Copas estudadas.

Seus leitores encontravam-se, sobretudo, entre membros da elite política e intelectual carioca e o periódico ficou conhecido por modernizar o jornalismo na década de 50 devido ao lançamento de um Manual de Redação pelo redator Professor Pompeu de Souza, por adaptar a técnica americana do lead no seu estilo jornalístico que

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias de Comunicação e Esporte, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação Social – UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro).

³ Professor do PPGCOM – UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro)

⁴ Caracterização feita pelo jornalista na revista eletrônica *La Insignia* em artigo “O Príncipe dos jornalistas brasileiros” de 03/12/2005.



constituía-se menos formal, influenciado pelos modernistas e pelo escritor Graciliano Ramos.

Alguns importantes intelectuais brasileiros escreveram nas páginas do diário como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda e conhecidos jornalistas como Carlos Lacerda, Zuenir Ventura e o cronista esportivo Armando Nogueira tiveram passagens pelo periódico que circulou até dezembro de 1965 e foi o primeiro jornal diário de Brasília.⁵

Enquanto na primeira Copa do mundo, o jornal estava começando a se estruturar e tinha poucas páginas, no ano de 1950, o Diário Carioca passava por um momento de expansão e modernização com um projeto ambicioso coordenado pelos jornalistas e professores do recém criado curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil, o catedrático Danton Jobim e seu assistente Pompeu de Souza.

O periódico possuía duas seções diárias, tinha como lema “Um jornal do Rio para todo Brasil” e o espaço destinado ao esporte era maior, influenciado sobretudo, pela realização do torneio mundial, porém pode-se afirmar que a cobertura foi mais pragmática e comedida que outros veículos utilizados como referência sobre a imprensa carioca em 1950, notadamente o Jornal dos Sports de Mário Filho, O Globo de Roberto Marinho e o Correio da Manhã⁶.

A) A Campanha brasileira na Copa de 1930.

A delegação brasileira enfrentou sérios problemas políticos de disputa no campo esportivo que comprometeram sua participação na primeira Copa do Mundo. A briga entre as Federações carioca e paulista, somada à atitude de São Paulo de impedir que seus jogadores servissem ao selecionado nacional nas vésperas do embarque para a concentração na cidade do Rio de Janeiro prejudicaram a formação da equipe.

O curioso é que a grande discordância não dizia respeito à convocação de algum jogador paulista que inclusive foram chamados em maior número, dentre eles o principal craque brasileiro na época, Friedenreich, mas estava relacionado à ausência de membros paulistas na comissão técnica. Segundo o historiador Denaldo Alchorne de

⁵ As informações sobre o Diário Carioca e José Eduardo Macedo Soares foram coletadas nos sites: www.diariocarioca.com.br, www.lainsignia.org e no artigo Diário Carioca – o primeiro degrau para a modernidade de Nilson Lage, Tales Farias e Sérgio Rodrigues.

⁶ Muitos autores já trabalharam com essas fontes em suas teses como os já referidos Sérgio Soto, Leda Soares e Gisella de Moura e eu também utilizei o Jornal dos Sports na elaboração da minha monografia de graduação em História.



Souza ocorreram tentativas de mediação por autoridades governamentais que não lograram êxito:

Porém, três anos depois para disputar a primeira Copa do Mundo de foot-ball no Uruguai, Washington Luiz resolveu auxiliar financeiramente à CBD. Foram chamados doze players de São Paulo, dentre eles grandes nomes como Friedenreich, Del Debbio, Filó, Heitor e Feitico. A Federação paulista discordou da convocação não pelos jogadores, mas devido a comissão técnica composta somente por cariocas. Em face do conflito, novamente uma autoridade governamental tentou intervir. O ministro da justiça Augusto Viana do Castelo procurou ambas as partes envolvidas para conseguir um acordo. A tentativa fracassou e a CBD teve que enviar uma equipe formada, em sua maioria por cariocas e com um nível técnico bem abaixo do que seria possível se contasse com os paulistas. (SOUZA:2008,35)

Em 1930, o conflito entre cariocas e paulistas, além das dificuldades tecnológicas para acompanhar o torneio em Montevideu prejudicariam a cobertura do evento pela imprensa que tinha como principal aliado os cabos telegráficos conforme relato do jornalista André Ribeiro.

A guerra política entre paulistas e cariocas não prejudicou apenas a equipe brasileira. Desestimulou também a cobertura da imprensa esportiva, que crescia a cada ano, e até o rádio que engatinhava – já contava com 19 emissoras em todo país. Notícias do Uruguai, só para os donos de aparelhos caríssimos, que conseguiam sintonizar rádios argentinas e de Montevideu. Para os jornais restavam apenas os telegramas da Western e Italcable. (RIBEIRO: 2007, 71)

O Diário Carioca acompanhou com interesse e uma dose de patriotismo a campanha brasileira. As notícias raramente ocupavam a capa do jornal que, neste período, estampavam cotidianamente a pressão governamental na Paraíba e os acontecimentos decorrentes da morte de João Pessoa. Invariavelmente desde a partida dos jogadores brasileiros, informações do torneio e até algumas curiosas crônicas estampavam a página esportiva. É interessante comentar que nos dias de páreo de cavalos, duas páginas eram dedicadas ao esporte, sendo uma exclusivamente ao turfê.

O embarque da seleção, por exemplo, foi relatado de maneira épica:

O Brasil há de vencer. Uma pleiade de verdadeiros brasileiros, cheios de patriotismo são e de um enorme ardor o irá defender no grande prélio mundial de Montevideu. (Manchete)

Embarcam hoje para Montevideu, os valorosos players brasileiros que representarão o Brasil no Campeonato Mundial. (Manchete)

Pelo paquete “Conte Verde” que hoje deixa a Guanabara, parte rumo a Montevideu os jogadores brasileiros que nos representarão no 1. Campeonato Mundial de Football

Não preciso encarecer que todo o Brasil, sem distinção de cor ou de classe os acompanhará nessa árdua missão, dada as responsabilidades que estão possuindo, pois estão representando a pátria estremecida. Todos os acompanhamos com applausos que a sua perfeita e leal



conducta sempre nos fez merecer, apresentando-se valentes, confiantes, patriotas, valorosos, apesar de mãos brasileiras tentarem impedir que o nosso paiz se fizesse representar à altura de seu nome no concerto das nações numa homenagem a pequena e amiga nação vizinha que comemora festivamente o Centenário da sua Independência. (DIÁRIO CARIOCA- 624: 02/07/30,9)

Pode-se observar que a primeira Copa do Mundo segundo este periódico já seria um importante “locus” de representação da Nação e comunhão de todas as raças e classes sociais. A exaltação patriótica, a importância de uma boa performance do “país” no torneio, o descontentamento com as “mãos brasileiras” referindo-se aos paulistas, além da solidariedade com a celebração da Nação uruguaia são elementos presentes na matéria.

No dia seguinte, verifica-se uma exceção com a foto do embarque da seleção ocupando a primeira página e o seguinte texto: “Embarcaram ontem para Montevideo, os players brasileiros que ali vão disputar o Campeonato do Mundo de Futebol” (Diário Carioca-625: 03/07/1930,1)

Sem a presença paulista os principais jogadores cariocas monopolizavam a atenção do diário com matérias sobre Fausto que também foi chamado de maravilha negra como era desde a década de vinte o uruguaio Leandro Andrade, Russinho do Vasco da Gama, Hermógenes do América, Carvalho Leite e Nilo do Botafogo, Moderato do Flamengo, Theóphilo e Doca do São Cristóvão, Poly do Americano de Campos, Manuelzinho do extinto Canto do Rio e o mítico Preguinho do Fluminense, filho do escritor Coelho Neto e conhecido “sportsman” do tricolor das Laranjeiras. O único paulista incorporado à seleção foi Araken que estava sem vínculo com o Santos e acabou sendo escrito pelo Flamengo.

Preguinho, primeiro jogador brasileiro a marcar um gol em uma Copa do Mundo, poderia nem ter sido titular caso os paulistas jogassem e segundo o Diário Carioca desempenhou na seleção um futebol acima do praticado em seu clube desde os treinos nas Laranjeiras como relata a matéria do dia 06 de julho de 1930 “O grande artilheiro Prego”:

O homem da nossa seleção para quem todos os olhos estarão convergidos, é, indiscutivelmente o meia esquerda tricolor, Prego. O jogo que demonstraria possuir, durante os treinos da equipe que nos representará no Prata foi uma surpresa, pois que, todos estávamos habituados ao que sempre praticou na esquadra de seu clube um jogo medíocre e assim, numa oportunidade sob todos os pontos de vista, para nós, cariocas, ótima, pode ser conhecida toda a capacidade de de João Coelho Netto, o querido Peguinho do Fluminense.



Todo o seu poderio, todo o seu ardor de jovem e o seu **sangue patriota e valoroso de brasileiro de verdade**, hão de fazê-lo ainda mais, uma glória do sport do Brasil, colaborando com seus companheiros e individualmente para a vitória da nossa equipe. Grifo nosso. (DIÁRIO CARIOCA- 627: 06/07/1930, 7)

Porém, mesmo com o gol marcado com o “sangue patriota e valoroso do brasileiro de verdade” de Preguinho, a equipe brasileira perdeu a primeira partida para os iugoslavos no dia 14 de julho no Estádio do Parque Central por 2x1 e ficou praticamente eliminada da competição.

Um dos principais argumentos logo após a derrota teria sido a baixa temperatura, pois no rigoroso inverno uruguaio o jogo foi realizado com cerca de 0 grau e os brasileiros, em sua maioria cariocas, não estariam acostumados ao clima como os iugoslavos. A manchete da reportagem onde aparece, além das informações técnicas sobre a partida, uma queixa ao frio era “Os brasileiros estreamos ontem em Montevideo perdendo para os iugoslavos por 2x1” e segundo o jornal além de reclamarem do frio o técnico teria obrigado os jogadores a vestirem durante as partidas as “camisas de lã”.(DIÁRIO CARIOCA – 638: 15/07/1930,7)

No manual sobre a Seleção Brasileira – 90 anos, os jornalistas Antônio Carlos Napoleão e Roberto Assaf reiteram o fator frio como algo importante, quiçá determinante, no resultado da partida. O fato de que os iugoslavos teriam excursionado no Brasil após a Copa e foram derrotados no Estádio de São Januário por 4x1⁷ por uma equipe que também não contava com os paulistas reforça miticamente esta primeira explicação da derrota.

Entretanto, as explicações para a derrota nas reportagens posteriores do periódico apontam para dois caminhos: os erros da comissão técnica que teria escalado mal a equipe e como ressalta Leda Costa⁸ os técnicos são sempre fortes candidatos a exercerem o papel de vilões nas derrotas da seleção e a falta de “patriotismo” dos paulistas não cedendo seus jogadores para a equipe nacional.

Um exemplo sobre a culpabilidade da Comissão técnica está nos registros da crônica “A quem cabe a responsabilidade no fracasso do quadro brasileiro”:

Mas a comissão preferiu o culto aos medalhões. Não se podem culpar os rapazes. A responsabilidade integral cabe a comissão técnica que

⁷ Após o término das suas participações na Copa de 1930, as seleções da França, Iugoslávia e Estados Unidos disputaram amistosos no Rio de Janeiro. O Brasil venceu as três equipes por 3x2, 4x1 e 4x3, respectivamente sendo que os outros confrontos foram realizados no Estádio das Laranjeiras.

⁸ A tese de Leda Maria Costa sobre as narrativas das derrotas e os principais vilões da seleção aponta uma tendência grande de culpabilizar os técnicos.

desorientando-se completamente na escolha do selecionado, deixou de prever o que acabou ocorrendo.

Erraram os técnicos deixando de lado Velloso (**goleiro**), em completa forma jogando maravilhosamente, vencendo em todos os treinos, para substituí-los por Joel, cuja actuação no julgamento da crítica imparcial foi medíocre. (DIÁRIO CARIOCA – 16/06/1930: 639,7)

A indignação com os paulistas e as acusações de falta de patriotismo são explicitadas em uma crônica cuja sarcástica manchete é “Os dirigentes da APEA e seus partidários gosam a derrota dos brasileiros”:

Os paulistas fatalmente teriam que dizer que os derrotados foram os cariocas e não os brasileiros...

No estrangeiro como aqui e em qualquer lugar, onde predomine o bom senso ,o quadro que está disputando o Campeonato do Mundo, fraco ou forte, com ou sem o auxílio dos brasileiros será sempre brasileiro.

Tão fúteis e mesquinhos foram os motivos invocados pelos paulistas da APEA, para voltarem atrás do concurso que já estavam emprestando para formação do selecionado brasileiro, que lhes falta absolutamente força e autoridade Moraes, para dizer qualquer coisa. (DIÁRIO CARIOCA-17/07/1930: 640,7)

O assunto da ausência dos jogadores paulistas continuará sendo comentado ao longo do torneio e mesmo após seu término as notícias esportivas do Diário continuam comentando o polêmico assunto. É óbvio que se trata de um órgão da imprensa carioca e que provavelmente nos jornais paulistas, até mesmo em função da rivalidade existente entre os dois estados, os fatos tenham sido abordados de maneira bem diferente, porém a APEA acabou sendo punida pela C.B.D que acatou parecer do Dr. Gabriel Bernardes em 8 meses, 7 dias e 12 horas para alegria do veículo analisado.

Mesmo a vitória sobre os bolivianos por 4 a 0 no Estádio Centenário em partida que ambas equipes já estavam eliminadas, pois os iugoslavos já haviam derrotado a Bolívia pelo mesmo placar, não amenizaram as críticas tanto em relação a comissão técnica ,quanto a Associação Paulista.

Todavia, as reportagens passaram a focar também outras notícias sobre o torneio e principalmente acompanhar a trajetória dos representantes platinos. Na estréia uruguaia a imponência do Estádio Centenário para os padrões da época e os problemas na ocupação do estádio são ressaltados pelo correspondente do jornal:

O stadium apresenta no momento que telegrapho – 13:45, o mais imponente aspecto. Pode-se dizer, sem exagero que metade da população montevideana compareceu ao stadium afim de assistir a sua inauguração.

O povo invadiu o local destinado aos cronistas esportivos impedindo de exercer o seu mister. A polícia intervem com energia no sentido de evacuar o recinto. (DIÁRIO CARIOCA – 19/07/1930 : 642,11)



A alusão de um futebol sul-americano superior ao europeu e apoiado nas conquistas anteriores uruguaias denota no discurso emitido pelo correspondente brasileiro uma identificação com os vizinhos platinos, e uma visão de hegemonia da América do Sul no futebol mundial.

É curioso notar que não são feitos comentários a ausência de fortes seleções européias como a inglesa, italiana no Diário Carioca, e esse “esquecimento” passa pela tentativa de construção de uma tradição, apoiada obviamente nas vitórias, que se refere a superioridade sul-americana no campo futebolístico. O jornalista brasileiro acredita que o país também está no grupo hegemônico, mesmo não tendo conseguido nenhum grande resultado internacional até aquela data.

Após as massacrantes goleadas impostas pelos representantes sul-americanos em seus adversários nas semifinais, a hegemonia sul-americana estaria garantida e a principal crônica publicada exaltar a força do futebol platino e mais especificamente do uruguaio, mesmo antes da final. Segue abaixo alguns trechos da crônica “O campeonato de Football novamente a mercê dos argentinos e uruguaios:

Venceram ambas as semi-finaes, de forma nítida, esmagadora, retumbante, dessas que não deixam lugar para dúvidas sobre sua força, sobre sua notável eficiência de reis incontestáveis do football mundial. Quanto desejávamos increver o Brasil nesse número...

Cabe-nos salientar com justiça o papel brilhantíssimo, representado pelos platinos, confirmando de forma notável e surpreendente, seu feito inigualável do Campeonato Olímpico de 1928.

Aos uruguayos cabe menção especial porque desde 1924 em Paris, que se mostram como detentores do scetro do football mundial...

Não se pode alegar que sua actuação actual decorre de estarem familiarizados com o ambiente platino. Não porque em 1928 foi em Amsterdan e em 1924 em Paris...

Elles jogam bem em qualquer lugar porque são eficientes e sabem organizar seus quadros. São fortes e sabem demonstrar potência...

Merecem portanto a situação privilegiada em que se encontram, deante de todo mundo, de finalistas do maior certamen de football.

(DIÁRIO CARIOCA- 650: 29/07/1930,7)

A colocação dos vizinhos platinos como os “Reis do futebol”, a tristeza do Brasil de não estar na decisão, a memória das vitórias do futebol uruguaio em 1924 e 1928 e a organização tática e técnica da equipe celeste são elementos importantes presentes no texto do correspondente do Diário Carioca, pois apesar da cobertura sobre a Copa ter “esfriado” após a eliminação brasileira, demonstra o impacto neste veículo da primeira final de Campeonatos do Mundo.

O título uruguaio será informado de forma austera na edição de 31 de julho de 1930 com a manchete “Os uruguayos são mais uma vez os campeões do Mundo”



(DIÁRIO CARIOCA – 652: 31/07/1930,7) com breves mensagens por telégrafo dando o resultado e pequenas observações sobre os gols e acontecimentos no estádio.

Novamente presente como principal assunto, ocupando um espaço maior que a notícia da vitória uruguaia, mais uma crônica sobre a polêmica paulistas x cariocas e a atuação da C.B.D, principal fator que certamente prejudicou a campanha brasileira no campeonato de 1930. E por disputas políticas o primeiro grande craque brasileiro “El Tigre” Friendreich não pôde atuar em uma Copa do Mundo.

B) Um olhar carioca da Copa de 1950 e da derrota.

Após a estréia vitoriosa da seleção brasileira contra o México por 4x0 e o inesperado empate contra a Suíça em 2x2 na partida realizada no Pacaembú, o jogo contra a Iugoslávia adquiriu uma conotação dramática. Comenta-se pouco que o Brasil poderia ter sido eliminado na primeira fase do torneio realizado no país e bem antes da vantagem contra os uruguaios na final, eram os iugoslavos que tinham o direito ao empate na decisão do grupo. No dia do confronto as principais reportagens adotam um tom cauteloso:

Urge Vencer

Brasil e Iugoslávia colocarão em jogo essa tarde a permanência na disputa do Campeonato do Mundo.

É o primeiro grande encontro do certame e deverá arrastar ao Estádio Municipal do Maracanã a maior assistência até hoje comprimida dentro de uma praça de esportes.

Vão os brasileiros tentar a reabilitação e os iugoslavos lutar para manter a posição de líder de “chave”. Será um choque dramático seja qual for o vencedor. Não há resultado que satisfaça a ambos! Só a vitória compensará o esforço dos dois esquadrões.

Perdendo os brasileiros, encerra-se a festa do Campeonato que passará então a arrastar-se ante olhos maguados de um publico que tem no futebol a sua diversão maior. É necessária a vitória do Brasil. (DIÁRIO CARIOCA – 6.752: 01/07/1950,7)

Em outra reportagem na mesma edição, a Iugoslávia é considerada favorita e duras críticas são feitas ao treinador Flávio Costa, acusado inclusive de proteger alguns jogadores por critérios pessoais:

Hoje no Municipal do Maracanã, o Brasil jogará a cartada decisiva deste 4. Campeonato Mundial de futebol, ali, naquele monumental estádio inacabado poderá ficar sepultadas as esperanças dos brasileiros já que desta peleja sensacional sairá inapelavelmente o vencedor da série A. E- confessemos francamente as melhores possibilidades não estão ao lado dos brasileiros, bastando empate e a Iugoslávia estará classificada...

É sabido que o Sr. Flavio Costa, deixa-se levar quase sempre pelo critério pessoal, preferindo elementos da sua simpatia pessoal em



detrimento de outros que embora ostentam melhor forma física e técnica não sejam da sua “panelinha” (DIÁRIO CARIOCA - 6.752: 01/07/1950, 8)

Os relatos indicam que foi uma partida equilibrada e que a equipe brasileira estava muito motivada além de contar com a inspiração de Zizinho que marcou o segundo e providencial gol para o Brasil já na segunda etapa. Na capa da edição de 02 de julho, dia seguinte a classificação brasileira, o meia apareceu com um largo sorriso em uma foto abraçado ao técnico Flávio Costa que além do seu vasto bigode usava um peculiar chapéu panamá e segurava uma garrafa de Coca-Cola, bebida recomendada na época pelos médicos da seleção.

Segue abaixo trecho da reportagem sobre a partida, qualificada pelo jornal como “Batalha do Maracanã”:

O triunfo de ontem apresentou-se como duplo sentido. Primeiro por permitir ao Brasil figurar como finalista do certame e segundo por ter reabilitado o futebol indígena ante ao público esportivo do país. Os “itches” corresponderam com bastante fleugma durante o desenrolar de todo o prélio e somente cederam ante a evidência insofismável da superioridade técnica do quadro brasileiro (DIÁRIO CARIOCA - 6.753: 02/07/1950, 9)

As goleadas posteriores sobre Suécia e Espanha e a inesperada derrota na final do mundial fizeram com que esta partida crucial na campanha brasileira praticamente caísse no “esquecimento”, dificilmente fazendo parte da memória de 50.

Em outra nota que se referia a partida afirmou-se que “jogando mais com o coração do que com o cérebro, o selecionado brasileiro conquistou uma vitória que ficará na História esportiva brasileira em um feito poucas vezes registrado” (DIÁRIO CARIOCA - 6.754: 04/07/1930,8), fato que acabou não ocorrendo. A lembrança desta partida está restrita a estudiosos e aficionados da seleção brasileira não se constituindo em um marco nacional ou, utilizando uma metáfora de um canal esportivo de TV fechada, acabou não se transformando em um “jogo para sempre”.

É importante destacar que mesmo realizando apenas uma partida, o selecionado uruguaio era considerado pelo periódico analisado como o mais perigoso adversário da fase final e segundo a reportagem abaixo a equipe era qualificada e não seria nenhuma surpresa se conquistasse o título:

Estreando no campeonato – Já que não participou das eliminatórias – o Uruguai classificou-se calmamente – destroçando a Bolívia. 8 a 0 foi o escore.

Não há dúvida nenhuma que há muitos anos, talvez mesmo desde os saudosos tempos do **tri-campeonato** que o Uruguai não organizava um scratch como o de agora, vivo, leve, com um extraordinário senso de penetração e arremate, os nossos vizinhos orientais muito darão

que fazer. E **não será nenhuma surpresa** se conseguirem levar novamente para Montevidéu a agora chamada Taça Jules Rimet. **Grifo meu.** (DIÁRIO CARIOCA - 6.754: 04/07/1950, 8)

Primeiramente é emblemático observar que até então o Uruguai era considerado tricampeão não apenas nos periódicos do seu país, mas também em jornais brasileiros como no caso em tela. Ademais a equipe “celeste” era vista como boa e candidata ao título, fato que também cai no “esquecimento” na maior parte das obras e reportagens que se referem ao Mundial de 50.

Em nota posterior referente à chegada dos uruguaios em sua nova concentração, a manchete afirma “Confiantes os uruguaios tentarão repetir 24,28 e 30. Já em São Paulo, no Canindé o mesmo quadro que arrasou a Bolívia” (DIÁRIO CARIOCA - 6.755: 05/07/1950,8)

A expectativa em torno do confronto entre Uruguai e Espanha na capital paulista era grande conforme percebemos a partir de algumas reportagens que antecederam o jogo e o favoritismo pendia levemente para a equipe “celeste”.

No domingo que inicia o quadrangular final a partida é anunciada com alarde pelo periódico que novamente reitera a condição de tricampeão mundial do Uruguai. Com certeza nesta época pode-se afirmar que o Uruguai possuía o que costumamos chamar de “tradição” ou “camisa” para chegar como vitorioso na fase decisiva. Essas pequenas “tradições inventadas” não são perpetuadas mais facilmente através das vitórias?

Como a “celeste olímpica” possuía uma aura de invencibilidade, independentemente de ter ou não uma boa equipe em 50, também era considerada favorita. Com a queda dos resultados do futebol uruguaio a nível internacional, esse “status” já não se materializa quando o país chega em uma Copa do Mundo, mas em 50:

Hoje no Pacaembú: A Fúria Espanhola contra a Celeste Olímpica. Os orientais, detentores três vezes do título mundial irão enfrentar os espanhóis que surgem agora em fase de ascensão no cenário futebolístico internacional.

Luta de gigantes. As duas equipes com jogadores entusiastas em suas fileiras, uns que dominam a técnica de jogo, dois goleiros que se identificam entre os melhores do mundo. No arco do Uruguai o veterano Máspoli, desportista na acepção da palavra, na meta espanhola Ramallete que veio na reserva de Ezaguirre e que substituindo-o conseguiu ótimas performances e já está entre os melhores arqueiros que desfrutam a a “Coupe du Monde”. No confronto das duas equipes a zaga uruguaia é superior, bem como a intermediária, mas a ofensiva espanhola comandada por Zarra é capaz de desbaratar as mais sólidas defesas. Dessa forma a peleja no Pacaembú embora apresente certo favoritismo por parte dos uruguaios deverá empolgar. (DIÁRIO CARIOCA -6759: 09/07/1950,10)



O resultado da partida foi um empate em 2 a 2 no qual o mítico Obdúlio Varela teria empatado a partida aos 28 minutos do segundo tempo. Um detalhe importante é que a torcida presente no estádio, segundo o jornal, torcia para os uruguaios.

Enquanto isto na capital federal a Copa contagiava a cidade. O jornal anuncia Festa veneziana, ou seja, desfiles de barco na Baía da Guanabara no sábado dia 08 em homenagem as delegações presentes, organizada pela Capitania dos Portos e prefeitura da cidade, filmes oficiais da primeira fase do torneio sendo exibidos nas sessões Passatempo Capitólio Cinelândia, e os ingressos vendidos em vários pontos da cidade como os teatros Municipal e Carlos Gomes e Lojas Dragão e Exposição e não mais apenas na sede da C.B.D na Rua da Alfândega.

A vitória contundente sobre os suecos por 7 a 1 embala ainda mais a agitada cidade e nem as notícias cotidianas sobre a Guerra da Coréia ou a campanha presidencial chamam tanto a atenção do público quanto a Copa.

Na véspera da partida com a Espanha o clima na cidade já era de comoção. As repartições públicas funcionam durante meio expediente e o assunto em todos os lugares é a partida contra a “Fúria”. Como acontece atualmente em partidas do Brasil nas Copas, uma celebração de uma “comunidade imaginada” na acepção de Benedict Anderson, naquele torneio, pelo menos na cidade do Rio de Janeiro, o clima de feriado se espalha impiedosamente.

No dia da esperada partida foi possível identificar em outra seção do jornal dedicada a sociedade carioca e que raramente mencionava algo sobre o esporte, uma interessante crônica assinada por Jacinto Thormes e intitulada a “Fúria de cada um” que ilustra bem a expectativa dos cidadãos. Selecionamos alguns trechos ímpares:

Como fugir do assunto do dia? O casal Quadros faz sete anos de casados e é no estádio que eles vão comemorar. A minha cozinheira vai levar o filinho de 6 anos para que “não esqueça nunca mais” ... O prefeito prometeu outro discurso de incentivo. E os espanhóis que no início do campeonato declararam que só tinham medo da Suécia? O Uruguai já mostrou que eles não são sopa. Que faremos nós? Se perdermos Flávio Costa vai ter que abandonar a sua já iniciada campanha para vereador, se vencermos será o mais votado do mundo. Até a minha avó está com vontade de ir ao jogo...Muita gente dormiu na rua e amanheceu no campo. Aumentou grandemente, segundo informou o senhor Rosa da Farmácia Jacy, a venda de calmantes de ontem para hoje. A Associação Atlética do Senado Federal pede ao público que cante o hino nacional. Para facilitar o pedido, os jornais andam publicando a letra de “ouviram do Ipiranga”. O presidente Dutra ontem deu seu palpite (particular) Brasil 3x2 Espanha... Vamos Ademir, meu nego. (DIÁRIO CARIOCA -6.762: 13/07/1950,6)



O fato de encontrarmos em um espaço dedicado a sociedade carioca, uma crônica inspirada no ambiente da partida pode nos ajudar a entender melhor o clima do jogo. As assertivas podem ser verdadeiras ou apenas devaneios do responsável pela coluna, porém a situação fática de que a partida constituía-se em um evento espetacular para os cariocas parece inquestionável.

Outra novidade que emerge no noticiário da partida contra a Espanha na própria capa foi a confusão na venda de ingressos e a acusação de facilitação para cambistas. Brigas nos pontos de venda foram registradas e a polícia teve que intervir (DIÁRIO CARIOCA - 6.762: 14/07/1950).

Enquanto isso, a seleção espanhola, confortavelmente hospedada no Hotel Paineiras, recebia o apoio da grande colônia espanhola e mensagens telegráficas assinadas inclusive pelo ditador Franco segundo o jornal. (DIÁRIO CARIOCA -6.762 : 14/07/1950 ,7)

Apesar de a partida ser lembrada pela acachapante goleada de 7 a 1 e o episódio das milhares de pessoas cantando “touradas de Madrid” e acenando lenços brancos a notícia principal sobre o jogo, que inclusive é capa da seção azul diz respeito a uma balbúrdia na entrada do estádio e a incidentes que apontam para uma grande desorganização e foram segundo o material analisado, inclusive trágicos.

O jornal relatou assim os referidos acontecimentos: Confusão geral no Estádio Municipal. Um morto, 3 feridos e mais 261 vítimas. Entraram sem bilhete milhares de pessoas. Desabou um pedaço do muro, sob a pressão do povo – Quedas, pisadelas, agressões – entrava gente sem bilhetes ou com bilhetes revendidos. Impossível o controle por falta de disposição prévia de serviços.” (DIÁRIO CARIOCA -6.763: 14/07/1950,1)

Em São Paulo, a segunda partida uruguaia contra os suecos também foi cercada por expectativas, sem, mobilizar obviamente a capital paulista, mas com bom público presente apesar de ser realizada durante a semana. Antes do jogo a reportagem principal era a seguinte.

O Uruguai venceu de virada nos minutos finais, após estar perdendo por 2 a 1, e caso não conquistassem a vitória o título pertenceria antecipadamente ao Brasil que agora necessitava apenas de um empate. A finalíssima seria novamente entre dois rivais sul-americanos. O Brasil era o grande favorito, mas a “celeste” tinha mais tradição, inventada, ou não?

Enfim, a véspera da final, o momento esperado, o ápice de uma data histórica e no Diário Carioca, o Sr^o Macedo Soares assina na coluna editorial da primeira página o que seria uma ode a Copa do Brasil chamada de “ Manifestação patriótica”. Alguns trechos bem ufanistas e elitistas inspirados na empolgação do momento merecem destaque e buscarei categorizar os argumentos do “ilustre” proprietário:

Espetáculo patriótico – O grande espetáculo do estádio ante-hontem provocou na multidão um choque emotivo que se transformou numa exaltação patriótica como há muito não víamos, acobardados na miséria e mesquinhas dos tempos presentes. A formidável massa popular disciplinou seus instintos compreendeu a força moral que resultaria de apoio entusiástico aos seus paladinos e foi, durante toda a luta vitoriosa, um só cérebro e um só coração, sustentando a causa comum.

Capacidade empreendedora – Contudo tais manifestações solenes requerem o local e a oportunidade para se produzirem. O nosso estádio multidão começa por ser ele mesmo um padrão de largueza de vistas do esforço no trabalho e da coragem dos brasileiros que o conceberam e o construíram. O tempo, na avareza com que mede as boas obras humanas ditou a sorte da aventura. Entre o triunfo e a derrocada não haveria meio termo. O construtor do estádio triunfou.

Meios de comunicação – De véspera, os campeões pediram através dos jornais e do rádio o apoio poderoso na compreensão da multidão dos compatriotas e espectadores.

Unidade nacional – No caso brasileiro, a força da unidade é o milagre permanente que o envolve não obstante a vastidão do território e a tenuidade da população que ainda hoje mal se condensa nas marcas do Tratado de Tordesilhas, algumas décadas anterior a descoberta – **O Brasil é um só país, uma só tradição, uma só crença.** Esse fenômeno viu-se repetido no empenho nacional pela vitória, anteontem no Estádio monumental. Sem dúvidas, o nosso destino poderá suscitar oportunidades dramáticas de manifestarmos a unidade espiritual da Nação. grifo meu (DIÁRIO CARIOCA- 6.764, 15/07/1950,1)

O momento histórico é tão marcante e as circunstâncias avassaladoras que mesmo um jornal menos comprometido com a causa da Copa, que já buscava uma fictícia neutralidade e objetividade jornalística, está encurralado pelo destino. Observando a argumentação do seu dono e classificando a defesa feita do espetáculo patriótico, a capacidade empreendedora do nosso povo, o papel dos meios de comunicação e o discurso da unidade nacional deixo apenas a declamada afirmação ufanista como símbolo do artigo: “O Brasil é um só país, uma só tradição, uma só crença”. Vislumbra-se a grande vitória, a apoteose triunfal.

No dia do jogo, nas reportagens técnicas existia muito otimismo, mas alguns sinais de precaução podem ser identificados. Em uma nota o confronto é visto como favorável porém “convém não subestimar o valor do adversário” e em nova crônica da



seção Sociedade proclamada como “Logo mais ou nunca” o “colunista social” da época termina peremptoriamente:

Só que os uruguaiois possuem a classe e o sangue que fizeram deles mais de uma vez campeões do mundo. Mesmo se as últimas partidas dos orientais não foram ótimas, vamos nos lembrar que futebol é futebol e na hora de lutar eles são duros e capazes de qualquer milagre. Todos nós estaremos confiantes, embora tremendo um pouco. Esta tarde veremos. (DIÁRIO CARIOCA - 6.745: 16/07/1950, 6)

E viram a maior derrota do futebol brasileiro e, possivelmente, de toda a história dos Mundiais. O Brasil é o maior ganhador de todos os tempos, mas também é o único campeão do mundo que não venceu em casa. A frustração de um sonho. A inércia de uma multidão, a exaltação de um povo. O que explicou o Diário Carioca após a partida? Quase nada. Sem culpados diretos, surgem críticas ao prefeito e seu alto-falante e elogios a postura uruguaia.

Na capa uma pequena foto da comemoração do goleiro Máspoli, Júlio, Perez e mais dois dirigentes. Na página esportiva outra foto de toda a equipe com a frase que é praticamente uma lápide para a equipe brasileira de 50: “Estes são os verdadeiros campeões do mundo”. Ao lado a manchete “Preparados para golear, o Brasil não soube conquistar o empate”. Na incredulidade, a breve exaltação:

48 horas transcorridas, ainda ninguém conseguiu explicar como o fato aconteceu. O Brasil perdeu o campeonato mundial quando tudo parecia preparado para a vitória. Resiste apenas enquanto o tempo não passa uma impressão amarga de alguma coisa que faltou aos brasileiros e que sobrou aos uruguaiois. Decisão, Bravura, Espírito de luta e principalmente a capacidade de vencer (DIÁRIO CARIOCA - 6.766: 18/07/1950, 8)

Muitas explicações vêm sendo elaboradas, discutidas, inventadas e questionadas desde 16 de julho de 1950, seja no meio jornalístico, acadêmico ou no senso comum. Chegaremos a uma resposta definitiva. Tenho certeza que não. Muitas são as fontes, diversos os caminhos, eis mais uma rota possível e que em muitos pontos se cruza com caminhos dos periódicos “celestes” estudados em minha dissertação. “La ruta” do Diário Carioca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição da cobertura do Jornal Diário Carioca possibilita identificar um olhar sobre as primeiras Copas realizadas no continente americano e como foi relatada a campanha da seleção brasileira nos eventos.



A memória sobre os dois torneios, estabelecida pelas permanências e “esquecimentos” a partir de um veículo de comunicação que narrou as duas competições aponta caminhos e questões que podem ser trabalhadas e analisadas comparativamente com outros periódicos já estudados principalmente sobre a Copa realizada no Brasil.

Na minha dissertação, esta análise descritiva serviu como contraponto para os veículos uruguaios analisados, porém pode ser utilizada como material para aprofundarmos a análise sobre o papel da imprensa escrita nos eventos esportivos na primeira metade do século XX no país, mais especificamente nas Copas do Mundo abordadas.

Assim sendo, o presente artigo apresenta uma outra visão a partir de um jornal carioca até o momento pouco estudado, que pode ajudar na investigação da relação imprensa/ seleção brasileira/Nação e Memória.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos** - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- COSTA, Leda Maria. *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira*. Tese de doutorado. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.
- Diário Carioca – Julho – 1930/1950.
- HOBBSBAWN, Eric J. e Ranger, Terence. *A Invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- POLLACK, Michael. *Memória, esquecimento e silêncio*. In Estudos Históricos v.2, n.3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.
- RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo. História da Imprensa esportiva no Brasil*. São Paulo: Editora Terceiro nome, 2007.
- SOUZA, Denaldo Alchorne. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Anablume, 2008.

Sites :

www.diariocarioca.com.br

www.lainsignia.org